

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.:

Data: *09.10.83*

Pg.: *52*

Carta ao cacique Juruna

L. DE A. NOGUEIRA PORTO

Juruna, eu estou do seu lado. Neste país estrangeiro, mas que já foi seu e falando uma língua que nunca foi sua, você provocou, sem querer, uma crise no Governo; um conflito entre o Executivo e o Judiciário, cuja celeuma e alarido lhe devem estar causando grande surpresa. Tudo porque, sem saber, você infringiu o código de comportamento social do homem branco, usando um verbo com seu sujeito que são tabu no vocabulário parlamentar dele.

Como todo mundo você deve estar farto de ler, a cada dia em que abre o jornal, notícias desconcertantes (embora nem tanto surpreendentes) sobre estranhos casos de Delfins (poupança), Capemis, Brasteis, Coroas e Polonetas, e tirado dessas leituras suas conclusões. Mas repare que você nunca viu impressas ou ditas no Congresso aquelas palavras proibidas: o verbo que no Brasil se conjuga desde os seus primórdios, em todos os modos e tempos e sobre o qual o Padre Antonio Vieira teria até escrito uma "Arte", e o sujeito dele, que dito ou escrito, em certas circunstâncias, pode mesmo dar cadeia. Porque, Juruna, graves não são tantos fatos, mas as palavras que os nomeiam.

É bem provável ainda que você tenha presenciado nesse Congresso para o qual foi entrado um tanto à revelia (pois não me consta que dispusesse dos dispendiosos meios, embora de universal aceitação, para disputar nele, por conta própria, uma cadeira) a tantos e tantos empolgantes bate-bocas virulentos, a tantos destampatórios, agressões e tentativas, brigas para valer (ou para serem apartadas), que se deve

sentir bastante perplexo quanto ao sentido verdadeiro desse decoro parlamentar", agora invocada contra você.

Ameaçam-no até com a perda do mandato; não sei se v. perde com isso grande coisa, mas o Brasil certamente perderá, porque a sua presença no Congresso ajuda muito a embelezar a imagem dele no Exterior, onde se acredita que o índio está sendo exterminado, suas terras invadidas, sua cultura destruída. Foi dito até que o Itamaraty dispõe de um dossiê "contendo seguidas críticas à política indigenista brasileira, recolhidas pelas nossas embaixadas".

Pode haver alguma verdade nessas críticas, mas, ainda uma vez, o que importa, Juruna, são menos os fatos, reais ou supostos, do que o visual, a "imagem", e para ela você concorre com sua cadeira de deputado, muito mais do que outros que, além de tudo, nem sequer ditos são.

É certo que v. cometeu falta grave acusando falsamente os ministros do grande cacique, quando, afinal, queria apenas, como todo mundo, falar mal do governo dele. O que me espanta é ver que esses ministros se tenham dado por tão ofendidos, mormente quando v. se desculpou, dizendo que, se tivesse falado em língua xavante, a expressão do seu pensamento teria sido "mais branda".

Acredito nisso, Juruna, porque o ato de lançar mão da coisa alheia deve constituir falta muito venial na tribo, onde, segundo aprendi na escola, a propriedade não tem (ou não tinha?) a conotação capitalista que adquiriu no mundo de hoje. Não é certo que as coisas, as utili-

dades são (ou eram?) de uso comum lá na taba?

Por isso mesmo aquelas palavras tabus que você usou, caso existam em língua indígena, devem ter nela coloração bem diversa e mais suave. Lástima que você não as tivesse dito em xavante, porque na tradução soam mal, Juruna; soam muito mal.

Outro dia você entrou no Paldcio, sentou na cadeira do governador e assumiu o governo (do Guanabara, não o do Estado do Rio), e o dr. Brizola nem se zangou por isso. Porque você, cacique, como brasileiro pré-cabralino, possui alguns direitos que não se reconhecem aos advenas deste país. E tanto não se zangou, ele que é amigo do governo, que disse tudo fará para ajudar Juruna neste episódio, acrescentando que o Congresso deve julgá-lo com "generosidade".

Para mim, generosidade não é bem o termo; eu antes diria com compreensão, e nisso estou com o dr. Tancredo, lá de Minas Gerais, que é do mesmo parecer.

O governo está furo com o Congresso; o porta-voz do Grande Cacique disse que você comprometeu a instituição parlamentar e a dignidade da atividade política, e tudo isso é muito grave.

Mas, no final das contas, acredito que esta equivocação termine, como na novela é em quase tudo no Brasil, com um final feliz. O que passou passou e no passado ficará; mas daqui para a frente, Juruna, muito cuidado com os tabus do homem branco, pois além daquelas outras palavras traiçoeiras pode haver.

Garantia mesmo, para o futuro, será discursar só em xavante.